

## O IMPACTO DAS INOVAÇÕES SOCIAIS NA TRANSFORMAÇÃO DOS PADRÕES DE CONSUMO DA CLASSE MÉDIA: UM ESTUDO CROSS-COUNTRY

**MARINA DANTAS DE FIGUEIREDO**  
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA - UNIFOR

**MINELLE ENEAS DA SILVA**

**DAIANE NEUTZLING**

### **Introdução**

Nas últimas décadas, iniciativas de Inovações Sociais de Consumo Sustentáveis (ISCS) surgiram entre a classe média urbana, buscando estabelecer alternativas aos estilos de vida intensivos em recursos das classes média e alta globais. No entanto, é necessário entender os impactos desses novos estilos nos padrões de consumo em várias partes do globo.

### **Problema de Pesquisa e Objetivo**

A pesquisa teve como objetivo explorar como diferentes tipos de ISCS abordam as mudanças nos padrões de consumo da classe média e identificar seu potencial transformador em direção a práticas de consumo mais sustentáveis e equitativas.

### **Fundamentação Teórica**

O potencial das inovações sociais para induzir estilos de vida sustentáveis tornou-se uma área de interesse para pesquisadores e atores políticos na economia verde. Desta forma, este trabalho se fundamenta no conceito de inovações sociais (práticas alternativas ou novas variações de práticas) aplicadas no contexto do consumo sustentável.

### **Metodologia**

Este artigo se baseia em uma revisão de 57 iniciativas de ISCS coletados entre 2020 e 2023. As iniciativas representam inovações tanto do Brasil quanto da Alemanha, países que representam o Sul e o Norte global.

### **Análise dos Resultados**

Foram identificadas quatro categorias analíticas: reformulação dos estilos de vida da classe média, participação no design de sistemas de provisão, questionamento da externalização como característica central dos atuais modos de produção e consumo, e criação de novos "espaços sociais" como elementos alternativos de uma boa vida. Com base nessas categorias, foram identificados três tipos de ISCS: reformistas/"verdes", participativos e de estrutura alternativa, cada um com diferentes impactos na transformação dos estilos de vida da classe média.

### **Conclusão**

O artigo argumenta que as inovações sociais têm o potencial de desafiar as normas dominantes de consumo e promover formas mais sustentáveis e equitativas de consumo, mas também destaca alguns dos desafios e limitações das inovações sociais, como sua tendência a serem cooptadas por estruturas econômicas e políticas dominantes e sua limitada abrangência além de mercados de nicho. O artigo conclui com uma discussão das implicações dessas descobertas para futuras pesquisas e desenvolvimento de políticas voltadas para a promoção de padrões de consumo sustentáveis e equitativos.

### **Referências Bibliográficas**

Jaeger-Erben, M., Rückert-John, J., Schäfer, M., 2015. Sustainable consumption through social innovation: A typology of innovations for sustainable consumption practices. *J. Clean. Prod.*, 108, 784–798. Schäfer, M., Figueiredo, M., Iran, S. Jaeger-Erben, M. Silva, M., Lazaro, J. C., Meißner, M. (2020) Imitation, adaptation, or local emergency? – A cross-country comparison of social innovation for sustainable consumption in Brazil, Germany, and Iran.

### **Palavras Chave**

inovações sociais, consumo sustentável, classe média

### **Agradecimento a órgão de fomento**

CAPES

# O IMPACTO DAS INOVAÇÕES SOCIAIS NA TRANSFORMAÇÃO DOS PADRÕES DE CONSUMO DA CLASSE MÉDIA: UM ESTUDO CROSS-COUNTRY

## 1 INTRODUÇÃO

As inovações sociais para o consumo sustentável (ISCS) têm ganhado atenção nos círculos de políticas e pesquisa como soluções potenciais para os desafios de sustentabilidade. Essas iniciativas, que incluem comunidades de compartilhamento, cooperativas de habitação e energia, são vistas como promotoras da conservação de recursos naturais e redução de resíduos, contribuindo assim para o desenvolvimento sustentável (Boyko et al., 2017; Martin, 2016). No entanto, há a necessidade de examinar o potencial transformador das ISCS para abordar estilos de vida insustentáveis da classe média, que são caracterizados por padrões de consumo intensivos em recursos que contribuem para a degradação ambiental e a desigualdade social (Jackson, 2019; Olsthoorn e Schot, 2020).

Desde a segunda metade do século XX, os desafios da vida urbana se expandiram globalmente (Lange e Mier, 2009). Nas últimas décadas, iniciativas de ISCS surgiram entre a classe média urbana, buscando estabelecer alternativas aos estilos de vida intensivos em recursos das classes média e alta globais (Schäfer et al., 2020). Essas iniciativas têm sido particularmente prevalentes nos países desenvolvidos do Norte Global. No entanto, a crescente classe média nos países do Sul Global também desempenhou um papel no desenvolvimento e disseminação das ISCS (Lange e Mier, 2009). Por muitas décadas, o Norte Global se beneficiou da externalização dos custos sociais e ambientais para o Sul Global (Brand e Wissen, 2012). No entanto, com o surgimento de padrões de consumo da classe média e estilos de vida intensivos em recursos no Sul Global, esse modelo de desenvolvimento está atingindo seus limites, resultando em conflitos por recursos e deslocamentos populacionais relacionados às mudanças climáticas (Jackson, 2019; Olsthoorn e Schot, 2020).

Este artigo tem como objetivo explorar como diferentes ISCS abordam as mudanças nos padrões de consumo intensivos em recursos da classe média, com o objetivo de compreender em que medida fornecem alternativas transformadoras aos atuais modos insustentáveis de produção e consumo. Para tanto, realizamos um *desktop research* que reuniu 57 iniciativas de ISCS no Brasil e na Alemanha, representando o Sul e o Norte Global. Os princípios e modos de operação dessas iniciativas foram associados aos estilos de vida da classe média, e quatro categorias foram derivadas para analisar seu potencial transformador. Essas categorias foram baseadas em abordagens teóricas para estilos de vida da classe média, modos de vida imperiais e inovação social para o consumo sustentável (ISCS). Nossa análise identificou três tipos de iniciativas de ISCS que abordaram mudanças nas características centrais dos estilos de vida da classe média em diferentes níveis. A seção de discussão compara os três tipos, descrevendo suas características e relação com as categorias analíticas.

Nossas descobertas indicam que o *design* e os objetivos das ISCS diferem em sua capacidade de fornecer alternativas transformadoras aos padrões de consumo insustentáveis. Este estudo tem importantes implicações para formuladores de políticas, empresas e consumidores na transição para o desenvolvimento sustentável. Ele destaca o potencial das ISCS para contribuir para a mudança transformadora e fundamenta reflexões sobre os fatores que influenciam seu sucesso.

## 2 CLASSE MÉDIA E PADRÕES DE VIDA

O conceito de classe média e padrões de vida tem sido usado para medir o desenvolvimento, com indicadores de conforto, saneamento e tempo de lazer apoiados pelo

consumo. O aumento nos padrões de vida historicamente associou-se a melhorias nas condições de vida da classe trabalhadora em países ocidentais, devido à prosperidade e ao estatismo do bem-estar social (Rhineheart, 1975). No entanto, esse consumo na classe trabalhadora ocidental, com habitação padronizada e transporte automobilístico, tornou-se a ideia normativa de uma "boa vida", apesar de seu etnocentrismo e classismo (Brand e Wissen, 2012).

Modos específicos de produção e consumo que se tornaram hegemônicos em certas regiões, principalmente no Norte Global, obscureceram as definições tradicionais de classe social (Brand e Wissen, 2012). A proliferação da prosperidade e da segurança econômica do estado de bem-estar social levou a um aumento sem precedentes no consumo e aspirações em direção à burguesia da classe trabalhadora (Rhineheart, 1975; Pickett e Wilkinson, 2010). Essa convergência entre as classes trabalhadoras e altas levou à adoção de comportamentos de classe alta pela emergente classe média, resultando em uma complexa interação de classe social e status de grupo (Bourdieu, 1984). Assim, uma nova classe média surgiu em países industrializados a partir de uma base social de trabalhadores abastados que aspiram a um estilo de vida de classe alta.

Com a globalização moldando a economia mundial, esses padrões começaram a se estabelecer em todo o mundo, frequentemente referidos como "padrões de vida mais elevados", baseados em estilos de vida ocidentais com alto consumo, conforto material e entretenimento constante através de mídias como música, filmes e jogos (Latouche, 2019; Frank, 2000). No entanto, essa homogeneização resultou na perda de concepções diversas de bem-estar, à medida que uma única ideia centrada no ocidente de uma "boa vida" começou a se espalhar (Latouche, 2019; Gupta, 1998).

A globalização da produção afetou profundamente os padrões de consumo, ampliando as possibilidades para a classe média no Norte Global, enquanto no Sul Global, a inclusão de muitos trabalhadores no mercado gerou uma nova classe média (Lange e Meier, 2009). A classe média global compartilha valores comuns e participa da economia de mercado (Berthour, 2019; Nakamura e Dawar, 2018).

No Norte Global, a classe trabalhadora se transformou em uma nova classe média que, principalmente, pacificou a luta de classes através de um processo de alienação centrado em identidades de classe média orientadas para o consumismo (Hochschild, 2016). Da mesma forma, em países em desenvolvimento, os padrões de consumo da nova classe média se assemelham aos das sociedades industriais (Ghosh, 2016). Entretanto, análises mais detalhadas revelam divergências entre países ricos da OCDE, economias emergentes e o restante do mundo. Notavelmente, as economias emergentes têm contribuído mais intensamente para os impactos ambientais (Eisenstein, 2021). Os países do Norte Global se beneficiam da integração global de produção, distribuição e consumo, enquanto a maioria dos países do Sul Global, dependentes da exportação orientada para recursos, experimentou crescimento econômico e melhorias nos padrões de vida (Birdsall e Bustamante, 2017).

A expansão dos padrões de consumo da classe média exacerbou uma grave crise ambiental e a desigual distribuição da responsabilidade pela degradação ambiental global (IPBES, 2019). Portanto, é essencial trabalhar na criação de uma economia global mais equitativa e sustentável que equilibre crescimento econômico e preservação ambiental. Modelos de desenvolvimento, estruturas e relações de poder predominantes em todo o mundo resultam em diferentes potenciais de consumo e pegadas de carbono, com uma tendência para os altos padrões de consumo do Norte Global se replicarem no Sul Global.

O uso de recursos per capita em países europeus e na América do Norte é, em média, dez vezes maior do que em países de baixa renda, destacando desigualdades nos padrões de consumo (PNUMA, 2021). O surgimento de classes médias em países em desenvolvimento, como os BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), levou a uma convergência nas

trajetórias de uso de água, uso de fertilizantes e produção de papel em comparação com os países desenvolvidos da OCDE (Steffen et al., 2015).

A natureza globalizada da produção e consumo industrial expõe e agrava desigualdades sociais dentro e entre países. À medida que a degradação ambiental, conflitos políticos e sociais e exploração de recursos continuam a ter implicações globais, fica claro que os padrões de consumo da classe média afetam desproporcionalmente as classes sociais desfavorecidas que não podem adotar estilos de vida consumistas. Isso não se limita a países em desenvolvimento. Mesmo em países desenvolvidos, a lacuna entre ricos e pobres continua a crescer, como indicam estudos da OCDE (Cohen e Ladaïque, 2018). Os custos sociais e ecológicos dos padrões de consumo da classe média são elevados, levando a conflitos globais, desafios como mudanças climáticas, fome e perda de biodiversidade. Urgentemente, esses modelos de produção e consumo não são sustentáveis, exigindo uma transformação para um mundo mais equitativo e justo.

### **3 'ECONOMIAS VERDES' VERSUS UM 'BOM VIVER PARA TODOS': O PAPEL DAS INOVAÇÕES SOCIAIS EM CAMINHOS ALTERNATIVOS**

A necessidade de enfrentar crises socioambientais levou agendas políticas a propor mudanças nos atuais modos de produção e consumo. Essa crise tem provocado uma busca por reorientar os padrões existentes em direção a uma economia verde (Brand e Wissen, 2019). Estratégias para promover um "crescimento verde" são promovidas pela OCDE, pela União Europeia e pelo PNUMA, aplicando-se em países como República Tcheca, Dinamarca, Alemanha, Coreia, Holanda, Eslovênia e Eslováquia (OCDE, 2021). A inovação é vista como fundamental para garantir a transição para uma economia mais verde, com foco em 'tecnologias verdes' inovadoras, como energias renováveis e mobilidade inteligente (OCDE, 2021).

Os esforços de sustentabilidade devem abordar questões de desigualdade social para garantir um futuro equitativo e sustentável para todos (IPCC, 2021). O potencial das inovações sociais para induzir estilos de vida sustentáveis é uma área de interesse na economia verde (Gilg et al., 2005). Inovações sociais são "práticas alternativas ou novas variações de práticas" (Jaeger-Erben et al., 2015, p. 785). Elas podem ativar cidadãos de forma eficiente e são disseminadas em redes sociais (McMichael e Shipworth, 2013). Por meio da inovação social, novos espaços sociais facilitam compromissos comunitários e atividades intersetoriais (Levidow, 2018).

Novos espaços sociais podem surgir de formas alternativas de atuação e ocupação urbana, ou do estabelecimento de relações sociais alternativas dentro das esferas tradicionais de economia, organizações e estado. Gibson-Graham e Roelvink (2013) mostram como a 'economia comunitária' poderia ser recuperada como um espaço de decisão ético e político no qual as pessoas transformam seus meios de subsistência e constroem interdependência. A inovação social tem ganhado atenção crescente, com exemplos como agricultura apoiada pela comunidade, habitação sustentável e consumo colaborativo (Bocken et al., 2016; Garmendia et al., 2015; Seyfang e Longhurst, 2016).

A alternativa verde é um caminho para países industrializados ocidentais, mas pode não ser adequada para partes do mundo dependentes da extração de matérias-primas (Hickel e Kallis, 2020). Ainda é uma questão em aberto como a melhoria da eficiência de recursos afetará países em desenvolvimento e como essas economias podem introduzir soluções ambientalmente preferíveis e socioambientalmente responsáveis. No entanto, um esforço mais coordenado é necessário, especialmente em nações desenvolvidas ricas, para moderar os excessos de consumo (Bocken e Short, 2016; Norgaard e Roopnarine, 2022; St. Clair et al., 2022).

Iniciativas de ISCS devem estar cientes de efeitos colaterais que podem aumentar o consumo, como a redução do custo de um produto ou serviço, anulando benefícios ambientais. A ênfase no consumo pode diluir a dimensão ambiental da sustentabilidade e incorporar discursos alternativos (Gilg et al., 2005). Efeitos indesejados também podem advir do risco de que iniciativas de SISC sejam exploradas como um recurso em áreas onde governos não fornecem serviços essenciais (Martin, 2016).

Schäfer et al. (2020) afirmam que, embora inovações sociais visando grupos desfavorecidos possam estabelecer-se como modelo de negócios lucrativo, é mais desafiador para aquelas que visam grupos socialmente desfavorecidos. Essa tendência de replicar a lógica consumista pode limitar alternativas para os atuais padrões de produção e consumo. Adicionalmente, as ISCS inseridas numa lógica de produtos podem aumentar o consumo em vez de reduzi-lo. Diante da necessidade de mudanças mais fundamentais, surge a pergunta de como as iniciativas de SISC contribuem para mudanças nos estilos de vida intensivos em recursos, em práticas e valores relacionados ao IML.

#### 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo exploratório analisa 57 casos de ISCS encontrados no Brasil e na Alemanha, coletados entre 2020 e 2023. Foram considerados, por exemplo, inovações sociais que são modelos de negócio globais (por exemplo, plataformas digitais para compartilhamento de transporte ou habitação, como Uber, Airb'n'b e similares que operam no Brasil e na Alemanha) e inovações sociais locais, mas baseadas em ideias globalmente difundidas (como, por exemplo, feiras de trocas, plataformas digitais para compra e venda de produtos, como Enjoei e similares na Alemanha) e inovações sociais locais, com características locais de concepção e alcance (a exemplo de cooperativas para produção de alimentos orgânicos, iniciativas de compartilhamento de espaço, ferramentas e conhecimentos existentes no Brasil e na Alemanha). Para garantir uma amostra representativa, utilizamos amostragem intencional, selecionando exemplos relacionados aos padrões de consumo da classe média iniciados por seus membros ou conectados aos seus valores e morais. Além disso, escolhemos casos que tinham o potencial de promover formas sustentáveis de consumo em comparação com as práticas convencionais (Jaeger-Erben et al., 2015). Consideramos sistematicamente diferentes áreas de consumo sustentável, como alimentos, energia e mobilidade, juntamente com desafios relacionados, como resíduos, acesso a serviços e bens. Nossas fontes de informação foram variadas, incluindo documentos, publicações populares e científicas e plataformas de mídia social, em idiomas locais, como o português e o alemão. Avaliamos a capacidade das ISCS de unir grupos sociais e desafiar as estruturas de poder nas cadeias globais de valor. Também examinamos as formas organizacionais do ISCS, que incluem empresas privadas, parcerias público-privadas, ONGs e indivíduos trabalhando juntos.

O estudo utilizou uma combinação de lógica dedutiva e indutiva, recorrendo a estruturas teóricas relacionadas aos estilos de vida da classe média para orientar a análise dos casos. Inicialmente, analisamos todos os casos em paralelo e os submetemos a quatro perguntas que requeriam respostas sim ou não. Essas perguntas correspondiam a quatro categorias distintas de análise. Para duas delas, pudemos relacionar o impacto do SISC a uma pontuação de baixo (+), médio (++), ou alto (+++), com base em critérios objetivos e perguntas explicativas adicionais. Para as outras duas, foi impossível estabelecer graduação nesta categoria porque havia poucos casos desafiando a externalização, e todos convergiram para esforços ou objetivos semelhantes. Descrevemos as categorias e suas explicações correspondentes abaixo:

- *Desafiar as mudanças nas características centrais dos estilos de vida da classe média:* o impacto da mudança pode ser baixo (+), médio (++), ou alto (+++), dependendo de quantas características foram alteradas. Identificamos as seguintes possíveis mudanças

nas características centrais dos estilos de vida da classe média: (a) valores de individualidade e posse de bens como símbolos de *status* e qualidade de vida; (b) o papel dos representantes da classe média como consumidores passivos e indivíduos autônomos desengajados; (c) acesso ilimitado a bens e serviços; e (d) dependência de dinheiro para adquirir bens e serviços.

- *Oferecer possibilidades para os consumidores participarem do design e fornecimento de bens e serviços*: a participação pode ser baixa (+) quando eles comentam e interferem no *design* dos produtos; média (++) quando eles participam do *design* de produtos e serviços ou participam ativamente do processo de consumo (troca, troca, doação, etc.); e alta (+++) quando eles projetam e produzem de forma independente (*do-it-yourself*, DIY) ou tomam decisões estruturais sobre o fornecimento de bens e serviços (por exemplo, em formas organizacionais como cooperativas).
- *Desafiar a externalização como característica central dos modos atuais de produção*: ênfase na produção local ou regional ou nas cadeias de valor (desafiando a predominância de cadeias de valor globais não transparentes e empresas transnacionais, bem como evitando a externalização de custos sociais e ambientais) ou criação de alternativas para estruturas que desempenham um papel central nos modos atuais insustentáveis de consumo e produção (por exemplo, bancos para fornecer financiamento).
- *Criar novos "espaços sociais" e/ou elementos alternativos de uma boa vida*: novos espaços sociais eram aqueles em que novos contextos (lugares, redes, plataformas etc.) permitiriam práticas de produção pública, colaboração e compartilhamento (serviços, produtos e conhecimento). Novos elementos de uma boa vida foram definidos como alternativas às medidas tradicionais da classe média de uma boa vida, principalmente definidas pela posse privada de bens. Isso poderia se referir ao compartilhamento e à diminuição da importância da posse individual para definir altos padrões de vida, ao uso coletivo de espaços públicos da cidade, a formas alternativas de lazer (como jardinagem DIY ou coletiva) e a ênfase em experiências sociais/coletivas. Algumas iniciativas que não criaram novos espaços sociais poderiam complementar o papel do governo no fornecimento de serviços.

## 5 ANÁLISE DE DADOS

O estudo utilizou uma abordagem tipológica para analisar os casos coletados. Através de um processo de comparação e agrupamento, identificamos três tipos distintos de casos relacionados às inovações sociais para consumo sustentável (ISCS): (1) Reformista; (2) Participativo e (3) Estrutura Alternativa. Os quadros 1-3 apresentam os resultados para cada tipo, incluindo casos representativos do Brasil e da Alemanha. Os casos são citados com um código de país (Br ou Ger) e um número de caso único (1-57) para proporcionar clareza. Iniciativas globais como Uber, Airbnb, eBay e Couchsurf foram analisadas separadamente para operações no Brasil e na Alemanha, mas esses casos não foram contados ou codificados duplicadamente. Por fim, casos exemplares fornecem contexto e nuances para cada tipo identificado.

### 5.1 O TIPO REFORMISTA

As ISCS reformistas frequentemente se concentra em uma atitude ou comportamento de compartilhamento, sugerindo que bens compartilháveis com capacidade excedente podem beneficiar outras pessoas além do proprietário (Benkler, 2004). Os serviços de compartilhamento desafiam a ideia de que a propriedade individual de bens, como carros,

objetos domésticos e casas, é necessária para um alto padrão de vida ou para expressar símbolos de status. No entanto, as práticas de consumo da classe média podem mudar apenas ligeiramente, já que a redução da disponibilidade de um carro ou de sua flexibilidade pode desafiar estilos de vida individualizados. Vale a pena observar que tais iniciativas também podem fortalecer certos aspectos centrais dos estilos de vida da classe média que podem não beneficiar a sociedade em geral. Isso pode acontecer quando as práticas de compartilhamento excluem estilos de vida alternativos ou quando apenas indivíduos afluentes podem se dar ao luxo de adotar a lógica de algum uso dos serviços da economia compartilhada.

A lógica da eficiência se destaca quando um grupo ampliado de usuários recorre cada vez mais a determinados bens. No entanto, as iniciativas de ISCS reformistas tendem a excluir os indivíduos da classe média da adoção de práticas sustentáveis, como o uso de transporte público, ciclismo ou caminhada. Além disso, elas não questionam o uso do espaço urbano e os modos de transporte preferidos pela classe média, nem como suas preferências afetam outros grupos sociais. Além disso, as iniciativas de ISCS reformistas não destacam aspectos críticos dos sistemas de provisão, como a exploração de recursos naturais ou as condições precárias de trabalho para os produtores (Jaeger-Erben et al., 2015).

As práticas de compartilhamento e venda promovidas por essas iniciativas são alternativas, mas complementares aos estilos de vida da classe média e podem até ajudar as pessoas a monetizar ativos subutilizados e aumentar o valor de utilidade dos bens (Martin, 2016; Benkler, 2004). No entanto, uma vez que essas iniciativas não abordam a questão do consumo reduzido, recursos monetários adicionais disponíveis podem aumentar o risco de efeitos de rebote, como a compra de mais bens.

Todos os casos analisados, exceto dois, propõem mudanças que têm impacto mínimo nas características centrais dos estilos de vida da classe média, como os valores de individualidade e posse de bens como símbolos de status (iniciativas 1-5), a preferência por moradia individual (iniciativas 6-8) e a passividade dos consumidores da classe média (iniciativas 9-11). As iniciativas de compartilhamento de bicicletas (13 e 14) são as únicas que desafiam duas características centrais dos estilos de vida da classe média: a ênfase na individualidade e posse de bens como símbolos de status e a dependência excessiva de carros para mobilidade em áreas urbanas. No entanto, apenas algumas dessas iniciativas permitem que os consumidores participem do *design* e da oferta de sistemas, e seu impacto é baixo. Além disso, tais iniciativas podem levar a mercados não regulamentados com efeitos sociais adversos que ameaçam os negócios regulamentados e representam riscos para os consumidores (Martin, 2016). Nenhum dos ISCS analisados desafia a externalização como característica central dos modos atuais de produção ou cria novos "espaços sociais" como elementos alternativos de uma boa vida.

Quadro 1 - Análise das SISC associadas ao tipo reformista

| Código | Iniciativa   | Aborda mudanças nas características centrais dos estilos de vida da classe média? | Oferece possibilidades para os consumidores participarem do design de sistemas de provisão? | Desafia a externalização como características centrais dos modos de produção atuais? | Cria novos "espaços sociais" como elementos alternativos de uma boa vida? |
|--------|--|---|---|--|---|
| 1      | Operações brasileiras e alemãs de plataformas como Uber e similares (Lyft, Car2Go, CarNow, ZipCar) | Sim/ +  | Não   | Não  | Não   |

|        |   |         |       |     |     |
|--------|---|---------|-------|-----|-----|
| 2, 3   | Iniciativas locais de compartilhamento de carona semelhantes ao Uber (ex., 99Pop (BR) Drive Now (AL))         | Sim/ +  | Não   | Não | Não |
| 4, 5   | Operações no Brasil e na Alemanha de plataformas de carona solidária (ex., Zumpy, Blablacar)                  | Sim/ +  | Não   | Não | Não |
| 6      | Operações no Brasil e na Alemanha da Airbnb   | Sim/ +  | Não   | Não | Não |
| 7, 8   | Iniciativas locais de compartilhamento de acomodações semelhantes à Airbnb (ex., Casa Férias (BR) Wimdu (AL)) | Sim/ +  | Não   | Não | Não |
| 9      | Operações brasileiras e alemãs do eBay  | Sim/+   | Sim/+ | Não | Não |
| 10, 11 | Plataforma online local semelhante ao eBay para vendas (ex., OLX (BR), Real Digital (AL)).                    | Sim/+   | Sim/+ | Não | Não |
| 13, 14 | Iniciativas de compartilhamento de bicicletas (ex., Bicycletar (BR), Donkey Bike (AL))                        | Sim/ ++ | Não   | Não | Não |

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

A mudança mais recorrente que as ISCS reformistas abordam é questionar a posse individual de bens (carros, itens domésticos, moradias individuais. Por exemplo, iniciativas de compartilhamento questionam a posse individual de carros como símbolos de status. No entanto, elas não questionam a centralidade da mobilidade baseada em carros ou a configuração dos espaços urbanos. Além disso, tanto nos contextos brasileiros quanto alemães, ISCS como essas tendem a afastar os representantes da classe média de práticas mais sustentáveis, como o uso de transporte público, andar de bicicleta ou a pé, e reconsiderar o impacto de sua ocupação do espaço urbano e suas formas preferidas de mobilidade em outros grupos sociais.

## 5.2 O TIPO PARTICIPATIVO

As iniciativas que permitem aos consumidores participar do *design* de sistemas de provisão frequentemente envolvem agir como prosumidores, como vender itens em plataformas online como o eBay ou equivalentes locais. Ao vender bens de segunda mão, os consumidores evitam compras novas e reduzem o desperdício. No entanto, essas práticas não necessariamente refletem preocupações com a sustentabilidade, e os usuários do eBay geralmente não reconhecem a relação entre a negociação de bens usados e a proteção dos recursos naturais (Clausen et al., 2010). Muitos usuários do eBay consideram a venda de bens usados como ambientalmente benéfica sem compreender totalmente os impactos ambientais de suas ações. Economizar dinheiro também é uma forte motivação para negociar no eBay. Como resultado, há o risco de que ISCS desse tipo possam levar a efeitos de rebote, nos quais preços mais baixos levam a um aumento no consumo.



Menos da metade dos exemplos de ISCS são organizados como empresas privadas. Em vez disso, outras formas de organização, como ONGs, startups sociais e indivíduos auto-organizados, também moldam essas iniciativas. Empresas privadas relacionadas à economia compartilhada podem fornecer a infraestrutura para formas participativas de ISCS. No entanto, em alguns casos, o escopo do ISCS se estende além da economia compartilhada para incluir inovações sociais conduzidas por cidadãos *offline*, como co-habitação, *workshops* de estilização de roupas, cafés de reparo, eventos de troca de roupas e FabLabs. Essas iniciativas também criam novos espaços sociais para trocas e promovem um senso de comunidade.

Quadro 2 – Análise das SISC associadas ao tipo participativo

| Código                 | Iniciativa  | Aborda mudanças nas características centrais dos estilos de vida da classe média? | Oferece possibilidades para os consumidores participarem do design de sistemas de provisão? | Desafia a externalização como características centrais dos modos de produção atuais? | Cria novos "espaços sociais" como elementos alternativos de uma boa vida? |
|------------------------|---|---|---|--|---|
| 14, 15                 | Lojas colaborativas (ex., Elabore (BR) Voo Store (AL)).   | Sim/+   | Sim/+   | Não  | Sim   |
| 16, 17                 | Espaço colaborativo multiuso (ex., Casa sem Medida (BR) Bekesh (AL)).   | Sim/+   | Sim/++  | Não  | Sim/  |
| 18, 19, 20, 21, 22, 23 | Plataformas de troca (ex., 1001 trocas, Enjoei, Livra Livro (BR) Swap-That, Skill Harbour e Books Wapper (AL)). | Sim/+   | Sim/++  | Não  | Sim   |
| 24, 25, 26             | Plataformas para compartilhamento e troca em bairros (ex., Tem Açúcar? (BR) Frents e Fairleihen (AL)).          | Sim/+   | Sim/++  | Não  | Sim   |
| 27                     | Feira de rua para troca de brinquedos (Feira de Trocas, BR).  | Sim/+   | Sim/++  | Não  | Não   |
| 28, 29                 | Eventos de troca de roupas (ex., Projeto Gaveta (BR) Kleidertauschbörse (AL)).                                  | Sim/+   | Sim/++  | Não  | Não   |
| 30                     | Rede de móveis de segunda mão (ex., Ecomöbel (AL)).   | Sim/+   | Sim/+   | Não  | Não   |
| 31                     | Banco de Roupas (ex., EcoOuse (BR))   | Sim/++  | Sim/++  | Não  | Sim   |
| 32                     | Operações do Couchsurfing no Brasil e na Alemanha.  | Sim/+   | Sim/++  | Não  | Sim   |
| 33                     | Operações do Homexchange no Brasil e na Alemanha.   | Sim/+   | Sim/++  | Não  | Não   |
| 34                     | Espaço para a doação de objetos (ex., Give Box (AL)).   | Sim/+   | Sim/++  | Não  | Não   |

|            |  |         |         |     |     |
|------------|--|---------|---------|-----|-----|
| 35         | Uma plataforma para a doação de alimentos (ex., Comida Invisível (BR)).            | Sim/+   | Sim/++  | Não | Não |
| 36, 37, 38 | Locais de coworking (ex., For Coworking (BR) Cloud Controlled e Backyard (AL)).    | Sim/++  | Sim/+   | Não | Sim |
| 39, 40     | Fablabs (ex., Joy Fablab (BR) FabLab Berlin (AL)).                                 | Sim/++  | Sim/+++ | Não | Sim |
| 41, 42, 43 | Iniciativas de co-living (ex., Inkiri Piracanga e Casoca (BR) Happy Pigeons (AL)). | Sim/++  | Sim/+++ | Não | Sim |
| 44         | Repair Cafes (AL).   | Sim/++  | Sim/+++ | Não | Sim |
| 45         | Oficinas para reutilização de roupas de segunda mão (ex., Fashion Reloaded (AL)).  | Sim/++  | Sim/+++ | Não | Sim |
| 46         | Rede para compartilhamento de conhecimento sobre ciclismo (ex., Bike Anjo (BR)).   | Sim/ ++ | Sim/ ++ | Não | Sim |

Fonte: Dados de pesquisa (2023)

ISCS participativas tiveram sucesso em abordar mudanças nas características centrais dos estilos de vida da classe média. No entanto, a maioria delas teve um impacto baixo. Muitas iniciativas concentraram-se em abordar mudanças nos valores relacionados à individualidade e à posse de bens como símbolos de status (iniciativas 14 a 31), bem como na orientação para moradias individuais (32 e 33) e no papel dos representantes da classe média como cidadãos auto orientados e desconectados (34 e 35).

Algumas iniciativas tentaram fazer mudanças profundas nas características centrais dos estilos de vida da classe média, como: valores relacionados à competição e à posse de bens como símbolos de status, orientação para moradias individuais e o papel dos representantes da classe média como indivíduos auto orientados e desconectados (36 a 43). No entanto, as mudanças de alto impacto foram relativamente escassas. A maioria das iniciativas teve um impacto baixo, indicando que as ISCS participativas desafiam apenas ligeiramente os valores dos estilos de vida da classe média.

Em geral, a predominância de mudanças de baixo impacto e a ausência de mudanças de alto impacto sugerem que as ISCS participativas não foram eficazes em questionar fundamentalmente os valores dos estilos de vida da classe média. Isso indica a necessidade de abordagens mais abrangentes e radicais para promover mudanças significativas. Isso requer uma compreensão mais profunda dos valores e atitudes que sustentam os estilos de vida da classe média e uma disposição para desafiá-los de forma mais fundamental.

Todos os casos de ISCS participativas oferecem aos consumidores a oportunidade de se envolverem na concepção de sistemas de prestação de serviços. No entanto, nem todos eles incentivam altos níveis de participação. Em alguns casos, a participação pode ser marginal, como quando os consumidores decidem como usar os ativos fornecidos a eles, como em espaços de *coworking* e lojas colaborativas.

Embora essas iniciativas se concentrem em evitar compras desnecessárias, nenhuma das ISCS participativas desafiou a externalização. Algumas iniciativas que incentivam a troca de roupas (por exemplo, Projeto Gaveta, Kleidertauschb€orse e Banco de Roupas) impedem os consumidores de comprar novas peças de roupa, reduzindo assim o uso de recursos naturais e mão de obra que indiretamente reduzem a degradação e as relações exploratórias em regiões

em desenvolvimento. No entanto, as economias financeiras alcançadas com as trocas também podem incentivar os consumidores a comprar mais produtos.

Em resumo, embora esse tipo de ISCS ofereça oportunidades para a participação do consumidor na concepção de sistemas de prestação de serviços, o nível de participação pode variar, e a externalização não é efetivamente desafiada. Assim, abordagens mais abrangentes que incluam as causas subjacentes do consumo insustentável é necessária para promover mudanças duradouras.

Todas as ISCS participativas tiveram sucesso em criar espaços sociais e elementos alternativos de uma boa vida em algum grau. Algumas visam explicitamente desenvolver comunidades ou promover a cooperação, como Repair Cafés e jardins comunitários. No entanto, a maioria dessas iniciativas promove apenas contatos ocasionais ou superficiais entre aqueles que vendem o produto e aqueles que o adquirem. No entanto, até mesmo um feira de rua pode ser um novo espaço social, pois atrai pessoas e oferece uma atividade além das compras tradicionais. Da mesma forma, plataformas que facilitam a troca de serviços podem criar um senso de comunidade entre pessoas com valores ou mentalidades semelhantes.

Novos espaços sociais podem envolver diferentes níveis de interação, desde contatos sociais baseados em proximidade, como espaços colaborativos, até a convivência social, que requer cooperação e plataformas de participação para compartilhar e trocar bens entre vizinhos. Algumas iniciativas, como o coliving, promovem a interdependência entre indivíduos. Essas iniciativas visam conectar estranhos e fortalecer os laços comunitários em torno de profissões, interesses e bairros. Elas apoiam a colaboração entre pares e incentivam a cooperação, criando novos espaços para colaboração e compartilhamento de conhecimento e novos elementos de uma boa vida centrados no compartilhamento e na diminuição da importância da posse única para definir altos padrões de vida.

Em resumo, embora as ISCS participativas tenham criado com sucesso novos espaços sociais e elementos alternativos de uma boa vida, elas variam no nível de interação que promovem. Algumas iniciativas visam explicitamente desenvolver comunidades, enquanto outras oferecem oportunidades para o contato social. No entanto, todas essas iniciativas visam conectar estranhos e criar um senso de comunidade em torno de valores e interesses compartilhados. As ISCS participativas promovem a colaboração entre pares e incentivam a cooperação, criando novos espaços para colaboração e compartilhamento de conhecimento, que promovem o compartilhamento como um modo de vida e diminuem a importância da posse única na definição de altos padrões de vida.

### 5.3 O TIPO “ESTRUTURA ALTERNATIVA”

O terceiro tipo de ISCS identificado neste estudo parece promover mudanças mais profundas nos estilos de vida da classe média em direção ao consumo sustentável. Essas iniciativas têm um foco forte em recursos locais e regionais e buscam criar sistemas de provisão alternativos que sejam transparentes e autodeterminados. Elas buscam independência dos modos convencionais de produção e consumo e assumem diversas formas organizacionais, incluindo ONGs, startups sociais, empresas sociais, cooperativas e indivíduos auto-organizados, com poucas sendo empresas privadas. Ao contrário de muitas iniciativas da economia compartilhada que dependem muito da tecnologia digital, a maioria das ISCS desta categoria é *offline* e é impulsionada principalmente por cidadãos. Muitas oferecem métodos alternativos de financiamento que não se baseiam apenas em benefícios monetários e não colocam o valor do dinheiro no centro, o que é uma característica da sociedade capitalista. Além disso, elas reconhecem abertamente as falhas estruturais dos sistemas de provisão atuais que impedem o comportamento do consumidor sustentável.

Quadro 3 - Análise dos SISC associados ao tipo "estrutura alternativa"

| Código | Iniciativa   | Aborda mudanças nas características centrais dos estilos de vida da classe média? | Oferece possibilidades para os consumidores participarem do design de sistemas de provisão? | Desafia a externalização como características centrais dos modos de produção atuais? | Cria novos "espaços sociais" como elementos alternativos de uma boa vida? |
|--------|--|---|---|--|---|
| 45     | Iniciativa de financiamento de negócios de impacto social (ex., Moeda Seeds (BR))                                  | Sim/+++   | Sim/++  | Não  | Sim   |
| 46     | Iniciativas de moradia comunitária orientada para a comunidade (ex., Miteinander-Wohnen in Verantwortung e.V (AL)) | Sim/++  | Sim/+++   | Não  | Sim   |
| 47     | Espaço público para educação, lazer, jardinagem (ex., Helle Oase - AL)   | Sim/++  | Sim/+++   | Não  | Sim   |
| 48     | Um serviço de ônibus organizado pela comunidade para regiões remotas (ex., Bürgerbus (AL))                         | Sim/++  | Sim/+++   | Não  | Sim   |
| 49, 50 | Bancos de Tempo (ex., Beliiieve (BR) LIVE (AL))  | Sim/+++   | Sim/++  | Sim  | Sim   |
| 51     | Iniciativa de comércio justo na agricultura (ex., Muda meu Mundo (BR))   | Sim/++  | Sim/++  | Sim  | Sim   |
| 52     | Produtor-consumidor-Cooperativa (ex., Bio Weimar, Bremen EVG (AL))   | Sim/+++   | Sim/+++   | Sim  | Sim   |
| 53     | Empresa de acionistas cidadãos para apoiar a agricultura orgânica regional (ex., Regionalwert AG (AL))             | Sim/+++   | Sim/+++   | Sim  | Sim   |
| 54     | Agricultura Urbana (ex., Prinzessinnengarten (AL))   | Sim/++  | Sim/+++   | Sim  | Sim   |
| 55     | Cooperativa de energia (ex., Bürgerenergie Tauberfranken (AL))   | Sim/+++   | Sim/+++   | Sim  | Sim   |
| 56     | Iniciativa para Agricultura Apoiada pela Comunidade (ex., Solidarische Landwirtschaft (AL))                        | Sim/+++   | Sim/+++   | Sim  | Sim   |
| 57     | Moeda Regional para estimular o comércio justo em nível regional (ex., Chiemgauer (AL))                            | Sim/+++   | Sim/+++   | Sim  | Sim   |

Fonte: Dados de pesquisa (2023)

As ISCS do tipo estrutura alternativa visam causar mudanças médias a significativas nos estilos de vida da classe média, desafiando as noções convencionais de valor e criando valor por meio de criptomoedas, moedas alternativas e tempo de trabalho (iniciativas 45, 47, 49 e 50). Elas também promovem a transformação dos representantes da classe média em cidadãos engajados (iniciativas 45-52 e 54-57) que investem em ensinar, consertar e remodelar bens para trocá-los por moedas alternativas e apoiar pequenos negócios.

Essas ISCS também questionam o consumo de bens padronizados de cadeias globais não transparentes (iniciativas 51-57), priorizando a produção local e cadeias curtas e transparentes que não externalizam custos sociais e ambientais para o Sul Global. Elas desafiam a dependência do sistema financeiro tradicional (iniciativas 45, 48, 52, 53 e 55-57), propondo que pequenos grupos possam financiar iniciativas produtivas. Além disso, questionam a habitação individual em favor da construção de comunidades, contato intergeracional e cooperação como elementos-chave do consumo sustentável.

As ISCS do tipo estrutura alternativa envolvem os consumidores no design dos sistemas de provisão, permitindo-lhes financiar negócios sociais (45), oferecer serviços (49 e 50) e apoiar atividades agrícolas (51). Outras iniciativas descentralizam a construção das ISCS, criando estruturas mais descentralizadas (46 a 48 e 52 a 57).

Embora algumas não se concentrem em combater a externalização (45 a 48), a maioria aborda essa questão (49 a 57), construindo relacionamentos locais de produção e consumo e promovendo produtos regionais. As ISCS criam novos espaços sociais para colaboração, compartilhamento e mudanças na perspectiva de uma boa vida, enfatizando a produção local, o conhecimento e a redução da importância da posse individual e do valor monetário.

Ao analisar as ISCS e suas formas organizacionais, podemos avaliar seu potencial transformador na mudança dos padrões insustentáveis da classe média. As do tipo reformista frequentemente envolvem empresas privadas, enquanto as participativas e de estrutura alternativa incluem organizações diversas, com menos empresas privadas, indicando uma abordagem menos orientada para o mercado. Essas iniciativas podem se alinhar mais com a economia colaborativa, desafiando os valores por trás dos estilos de vida insustentáveis.

Os diferentes tipos de iniciadores nas ISCS buscam interesses distintos, afetando a natureza participativa e transformadora das iniciativas. Apesar de responderem a problemas globais causados pelos estilos de vida da classe média, as ISCS têm grupos-alvo variados (Schäfer et al., 2020). Este estudo examinou iniciativas que visam alternativas aos estilos de vida intensivos em recursos da classe média, mas depender apenas de incentivos monetários não as torna transformadoras.

Quadro 4 – Análise comparativa dos tipos de Inovações Sociais para Consumo Sustentável (ISC)

|   | Tipo 1 - Reformista   | Tipo 2 - Participativo   | Tipo 3 – Estrutura Alternativa  |
|---|---|--|---|
| Aborda mudanças nas características centrais dos estilos de vida da classe média? | Sim/+<br>Promove pequenas mudanças nos hábitos de consumo. Em parte, não há posse individual. | Sim/++<br>Ênfase na capacitação dos consumidores para suas escolhas de consumo. Baseado em práticas de compartilhamento. | Sim/+++<br>Forte foco em recursos regionais e locais. Busca independência dos atuais modos predominantes de produção e consumo. Propósito de elementos alternativos para os pressupostos de valor dos padrões de consumo da classe média. Desafia a ideia de status com base na posse e critérios monetários. |

|   |   |   |  |
|---|---|---|--|
| Aborda mudanças nas características centrais dos estilos de vida da classe média? | Não/serviços são oferecidos por empresas.   | Sim/++<br>Os consumidores participam da iniciativa. As empresas podem desempenhar um papel na "educação" dos consumidores e fornecer a infraestrutura para compartilhamento e troca.                            | Sim/+++<br>Os consumidores participam da iniciativa, criando estruturas mais descentralizadas e reivindicando a propriedade sobre as formas de produção. Os consumidores assumem novos papéis no financiamento e apoio de iniciativas de produtores e prosumidores.  |
| Aborda mudanças nas características centrais dos estilos de vida da classe média? | Não/Não questiona a externalização.   | Sim/+<br>O foco em evitar compras desnecessárias reduz os efeitos negativos sociais e ambientais do consumo em massa. No entanto, não questiona o status de consumir certos itens e as externalizações criadas. | Sim/++<br>Menor dependência das cadeias de valor globais e grandes empresas internacionais. Empoderamento dos cidadãos para projetar cadeias de valor e serviços, produzir por si próprios e consertar produtos. Objetivos de reduzir a dependência do sistema financeiro tradicional e criar novas formas de valor, alternativamente ao dinheiro.   |
| Aborda mudanças nas características centrais dos estilos de vida da classe média? | Não/ O ISCS foca no consumo individual e adere ao paradigma moderno de que o fornecimento de bens e serviços está fortemente relacionado ao padrão de vida. | Sim/++ Novos espaços sociais de colaboração e troca são criados. A prática de DIY e reparo de bens dá um valor maior aos produtos e desafia os princípios da "sociedade do descarte".                           | Sim/+++ Novos espaços sociais de responsabilidade pela concepção de sistemas de provisão são criados. Novas ideias de uma boa vida estão relacionadas a modos de produção que permitem transparência e relações justas ao longo da cadeia de valor, bem como a prevenção de custos sociais e ambientais. Mudanças de perspectiva sobre as relações produtor-consumidor e a responsabilidade pela produção sustentável. |

Fonte: Dados de pesquisa (2023)

Ao estudar as ISCS e suas variações, é importante considerar fatores geográficos e locais que possam influenciar o fenômeno (Schäfer et al., 2020). No entanto, o presente estudo não encontrou diferenças significativas entre as ISCS desenvolvidas no Brasil e na Alemanha em relação às categorias de análise propostas. Essa conclusão não invalida a importância das perspectivas locais sobre práticas de consumo. No entanto, destaca tendências semelhantes em direção à sustentabilidade entre as populações de classe média em ambos os países, sugerindo uma homogeneização da classe média global. Importante reconhecer que vários fatores, como condições econômicas, socioculturais e políticos, podem influenciar o desenvolvimento de práticas de consumo sustentável, especialmente em economias em desenvolvimento versus desenvolvidas (Wang et al., 2018). Ao focar nas populações de classe média, a importância dessas diferenças pode ser diminuída, enfatizando, em vez disso, o impacto unificador dos estilos de vida modernos disseminados.

Os três tipos de ISCS são cruciais para facilitar uma transição para a produção e o consumo sustentáveis, cada um focando em aspectos distintos da transformação. No entanto, seu impacto permanecerá limitado sem as condições de apoio necessárias nos níveis local, nacional e internacional. Nesse sentido, Brand e Wissen (2018) discutem a contribuição da SI e recomendam uma estratégia multifacetada para promover mudanças mais profundas. Isso inclui iniciar e apoiar debates públicos sobre decrescimento, bens comuns e justiça climática, mudar instituições e infraestruturas para gerar uma infraestrutura social e criar abordagens econômicas alternativas, como formas cooperativas de moradia e trabalho. Além disso, as iniciativas visam revitalizar e estender a democracia, aumentando a transparência e as oportunidades de participação na organização da produção e do consumo. Também buscam oferecer ofertas e espaços experimentais para um maior número de pessoas mudar suas rotinas diárias. Tais medidas podem ajudar a superar as limitações dos três tipos de ISCS e criar impactos transformadores mais significativos em direção à produção e ao consumo sustentáveis.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A originalidade e relevância deste artigo residem na sua exploração das diferenças no potencial das ISCS em oferecer alternativas emancipatórias e transformadoras para os estilos de vida insustentáveis atuais. Esta pesquisa exploratória identificou que as ISCS podem ser agrupadas em três tipos distintos, cada um com diferentes graus de impacto na direção do consumo sustentável. Embora capaz de promover algumas mudanças no estilo de vida, o tipo reformista acaba por não desafiar significativamente o cerne do consumismo e apenas oferece soluções "verdes" para padrões de consumo insustentáveis. Da mesma forma, embora mais próximas dos objetivos transformadores, as iniciativas do tipo participativo não desafiam diretamente as atuais relações de poder nas cadeias de produção e consumo globais e locais. Além disso, a percepção da (in)sustentabilidade das práticas de consumo muitas vezes está excessivamente centrada nas experiências e possibilidades dos representantes da classe média. A maioria das ISCS dos dois primeiros tipos se conecta com tendências globalizadas de tornar verde os hábitos de consumo da classe média e tem uma visão limitada do social, moldada por suposições classistas.

Embora as iniciativas de ISCS possam chamar a atenção para certos aspectos da crise ambiental e contribuir para movimentos sociais, por si só, não são suficientes para transformar os padrões atuais de produção globalizada. É necessário implementar mudanças mais fundamentais nas regulamentações internacionais para alterar os termos do comércio global. Além disso, outras propostas teóricas e políticas, como a alternativa do decrescimento, também devem ser consideradas para abordar a tensão entre o crescimento econômico e a necessidade de interromper a destruição ambiental. Em vez de simplesmente reformar estilos de vida insustentáveis da classe média em versões mais verdes, as ISCS podem advogar pelo "diminuição equitativa da produção e do consumo, que aumenta o bem-estar humano e melhora as condições ecológicas locais e globais a curto e longo prazo" (Schneider et al., 2010).

Portanto, é crucial continuar o debate e a exploração de estruturas e abordagens alternativas para promover o desenvolvimento sustentável. Por meio de pesquisas e análises contínuas, podemos trabalhar na construção de sociedades mais equitativas e sustentáveis e encontrar maneiras de conciliar o crescimento econômico com a proteção ambiental.

Conforme este artigo se aproxima do fim, fica claro que as ISCS ainda não desafiaram significativamente as dinâmicas de poder existentes nas cadeias de produção e consumo globais e locais. Apesar disso, elas têm abordado com sucesso áreas-chave dos estilos de vida da classe média, promovendo a participação nos sistemas de provisão, oferecendo novas oportunidades para ação sustentável e reimaginando uma boa vida para a classe média.

Para ampliar essas descobertas, é necessário expandir as pesquisas para diversos contextos socioeconômicos, políticos e culturais a fim de confirmar, avançar ou desafiar a importância das categorias e tipos identificados. Também é necessário refletir sobre a difusão global das ISCS e as dinâmicas de poder entre as classes sociais e entre o Norte e o Sul globais. Além disso, é necessário examinar criticamente o papel da política na atribuição das ISCS a diferentes classes sociais dentro da esfera pública. Isso inclui explorar a relação entre os representantes da classe média e o governo e o potencial dos cidadãos para promover ISCS como complemento à ação governamental ou criar novos espaços para a sustentabilidade.

Ao continuar a analisar e desenvolver o potencial das SISC, podemos trabalhar para desenvolver sociedades mais equitativas e sustentáveis. No entanto, é essencial reconhecer as limitações atuais das ISCS em desafiar as dinâmicas de poder existentes e reconhecer a necessidade de pesquisa contínua e reflexão crítica para avançar no desenvolvimento sustentável.

## REFERÊNCIAS

- Benkler, Y. (2004). Sharing nicely: On shareable goods and the emergence of sharing as a modality of economic production. *Yale LJ*, 114, 273.
- Bourdieu, P. (1984) *Distinction: A social critique to the judgment of taste*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Boyko, C., Clune, S., Cooper, R., Coulton, C., Dunn, N., Pollastri, S., Tyler, N., (2017). How Sharing Can Contribute to More Sustainable Cities. *Sustainability*, 9 (5), 701.
- Brand, U., Wissen, M. (2018a). What kind of great transformation? The imperial mode of living as a major obstacle to sustainability politics. *GAIA-Ecological Perspectives for Science and Society*, 27(3), 287-292.
- Brand, U., Wissen, M. (2018b). The imperial mode of living. *Routledge handbook of ecological economics*, 152-161.
- Brand, U., Wissen, M. (2018c). *The Limits to Capitalist Nature: Theorizing and Overcoming the Imperial Mode of Living*. London and New York: Rowman & Littlefield International.
- Bocken, N. M., & Short, S. W. (2016). Towards a sufficiency-driven business model: Experiences and opportunities. *Environmental Innovation and Societal Transitions*, 18, 41-61.
- Clausen, J., Blättel-Mink, B., Erdmann, L., & Henseling, C. (2010). Contribution of online trading of used goods to resource efficiency: An empirical study of eBay users. *Sustainability*, 2(6), 1810-1830.
- Gibson-Graham, J. K., & Roelvink, G. (2013). 34. Social innovation for community economies: how. *The International Handbook on Social Innovation: Collective Action, Social Learning and Transdisciplinary Research*, 453.
- Gilg, A., Barr, S., & Ford, N. (2005). Green consumption or sustainable lifestyles? Identifying the sustainable consumer. *Futures*, 37(6), 481-504.
- Hickel, J., & Kallis, G. (2020). Is green growth possible? *New Political Economy*, 25(4).
- Jaeger-Erben, M., Rückert-John, J., Schäfer, M., 2015. Sustainable consumption through social innovation: A typology of innovations for sustainable consumption practices. *J. Clean. Prod.*, 108, 784–798.
- Lange, H., Mier, L., 2009. Who are the new middle-classes and why they are given so much public attention?. In: H. Lange and L. Mier (Eds) *The New Middle Classes*. Springer: Heidelberg, 1-28.
- Latouche, S., 2019. Standard of living. In: Wolfgang Sachs, *The development dictionary*: London, Zed.
- Levidow, L. (2018). London's urban agriculture: Building community through social innovation. *International Journal of Sociology of Agriculture and Food*, 24(3), 354-376.



- Martin, C. J., 2016. The sharing economy: A pathway to sustainability or a nightmarish form of neoliberal capitalism? *Ecol. Econ.*, 121, 149-159.
- Moulaert, F., MacCallum, D., Mehmood, A., Hamdouch, A., 2013. General introduction. The return of social innovation as a scientific concept and a social practice. In: Moulaert, F., MacCallum, D., Mehmood, A., Hamdouch, A. (Eds.), *Handbook of Social Innovation*. Edward Elgar Publishing Limited, Cheltenham, pp. 1-6.
- Rhineheart, J. W. 1975. Affluence and the embourgeoisement of the working-class: a critical look. *Social Problems* 19, Fall, 149-162.
- Schäfer, M., Figueiredo, M., Iran, S. Jaeger-Erben, M. Silva, M., Lazaro, J. C., Meißner, M. (2020) Imitation, adaptation, or local emergency? – A cross-country comparison of social innovation for sustainable consumption in Brazil, Germany, and Iran.
- Schneider, F., Kallis, G., & Martinez-Alier, J. (2010). Crisis or opportunity? Economic degrowth for social equity and ecological sustainability. Introduction to this special issue. *Journal of cleaner production*, 18(6), 511-518.
- Steffen, W., Broadgate, W., Deutsch, L., Gaffney, O., & Ludwig, C. (2015). The trajectory of the Anthropocene: the great acceleration. *The Anthropocene Review*, 2(1), 81-98.
- Tracey, P., Stott, N., 2017. Social innovation: a window on alternative ways of organizing and innovating. *Innovation*, 19 (1), 51-60.